ANO XI / NOVEMBRO 1953 / N.º 109



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) ... ... 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

Catecismo Nacional — Lereno S. Dias 229

O Tema do Sacerdócio dos Fiéis — C.º A. Gregório Neves 231

Panorama da J. O. C. Portuguesa — A. Paiva Afonso 241

Os Nossos Pobres — Carlos Galamba 248

O Cardeal Spelman — J. Salvado Ribeiro 250

Livro do Mês — B. Santos 254

Crónica — A. Tavares 255

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES (INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos

R.M.

MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento.

N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços

FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69 —

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

CATECISMO NACIONAL



É já lugar-comum chamar ao século XX o século da criança. Na verdade tem sido ela ùltimamente objecto de tantos e tão grandes cuidados, já no campo da educação física, já sobretudo no campo pedagógico, que fica plenamente justificada aquela designação.

De modo algum a Igreja tem sido estranha ao movimento da Escola Nova; a Igreja é sempre actual e nenhum problema da vida humana em qualquer tempo ou nação lhe é indiferente: ao mesmo tempo que os mestres da pedagogia aprofundam os estudos, aperfeiçoam os conceitos e conseguem mais proveitosos resultados na aplicação destes à prática, a Igreja na pessoa do seu Chefe Supremo — o Beato Pio X — acolhe o movimento nascente e sacode o ensinamento em vigor promulgando importantes documentos sobre o assunto; e deste modo o pontificado do Beato Pio X fica a assinalar o começo do ressurgimento do ensino catequístico: revisão e aperfeiçoamento dos métodos à luz da Pedagogia Moderna, e enquadramento da Religião ou ensino Catequístico na vida como um valor dessa mesma vida; doutrinação, sim, mas doutrinação com interpretação na vida, de modo a fazer que todo aquele que se diz católico reaja catòlicamente perante os problemas da vida.

Aparece agora em Portugal — graças a Deus! — a primeira Edição Oficial do Catecismo da Primeira Comunhão; e esperamos em breve o aparecimento de um outro para os 8-10 anos, depois o Catecismo da Profissão de Fé e ainda um Manual para o Catequista. Ficaremos, se Deus quiser, com material didáctico bastante completo para as nossas catequeses. Ousamos afirmar até que é este o acontecimento de maior valor em Portugal até aos nossos tempos, no que diz respeito ao ensino catequístico; porque na verdade o que havia eram tentativas pessoas e dispersas de alguns de boa vontade que desejavam a todo o custo aperfei-

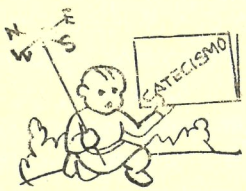
çoar o ensino e lamentavam a não existência de um Catecismo Nacional.

O presente «Catecismo da Primeira Comunhão» em nada fica diminuído em confronto com os melhores catecismos estrangeiros. Nele trabalharam com insuperável força de vontade grandes mestres de competência a muitos títulos reconhecida e uma vez mais comprovada. Ao longo das suas trinta lições distribuídas por trinta páginas, podemos verificar a precisão dos conceitos numa linguagem simples, natural, comunicativa, adequada em tudo a quem se destina. Cada lição está magnìficamente ilustrada com três ou quatro gravuras, obra de um artista invulgar, minuciosamente cuidadas, muito expressivas, coloridas, vincadamente realistas. Duas páginas finais são ocupadas com fórmulas que se exigem de cór para a Primeira Comunhão. E, quando a propósito, lá aparece inserido um cântico ou uma oraçãozinha curta.

Um o aspecto que importa realçar também é a disposição das lições segundo o Calendário Litúrgico: supondo a catequese semanal, começada em Outubro, temos assim cada lição a acompanhar pròximamente a celebração do mesmo mistério da Liturgia: assim catequizavam os Padres da Igreja, e é este o ambiente didáctico por excelência para o ensino do Catecismo; ninguém há que não veja as vantagens que daí advêm quanto à facilidade de ensino e quanto ao aproveitamento.

Todos quantos se dedicam ao ensino de crianças para a Primeira Comunhão podem, quase sem despesa, pôr já nas mãos de cada uma um Catecismo atraente, de óptima apresentação, que a todos satisfará plenamente. E temos a certeza de que um livro assim nas mãos duma criança será por ela estimado e considerado como deve ser o Catecismo — «o rei dos livros».

LERENO S. DIAS



O Tema do Sacerdócio dos Fiéis

Quando um dia os cristãos de Roma apresentam ao Pontífice S. Leão Magno os parabéns pelo aniversário do seu Pontificado, em resposta o grande Papa diz-lhes que tal era honra de que também eles próprios participavam, e por isso o seu regozijo era bem explicável, uma vez que «no Corpo inteiro da Igreja não há Um só Pontificado»; e ainda, em frase lapidar, S. Leão declara: «saibam todos os cristãos que são de estirpe real e participantes da função sacerdotal». (P. L., 54, pg. 148).

Isto significa nada menos que, no sulco aberto nos textos da S. Escritura, o esforço da Tradição e o trabalho da especulação teológica — que o Espírito Santo fomenta na Igreja — já aprofundou a doutrina revelada, enriquecendo-a, como tantas vezes acontece. Se de facto, tomamos no rigor da pura exegese os textos bíblicos em si, mais não notamos que um desenvolvimento, na altura da tradução dos LXX (que traduzem por «corpo sacerdotal», como encarregado de prestar culto ao verdadeiro Deus entre as nações, o Povo Hebreu na Diáspora, a expressão hebraica do Ex. 19/5), e posteriormente um outro, esse definitivo, no N. T., em especial no texto famoso de I.ª Petr.

Consultando os exegetas, nota-se que frequentemente eles se quedam na exegese estricta, e não alcançam mais na interpretação do que o simples sacerdócio espiritual dos fiéis na Igreja de Deus. Assim, para citarmos alguns trabalhos relativamente recentes, diremos que são todos reservados neste ponto. (1).

Todavia, em princípio e sob o aspecto metodológico convém frisar que a exegese estricta dos textos da Sagrada Escritura nem sempre é o último critério para ser conhecido na Igreja o significado duma determinada verdade que nos veio pela Revelação bíblica: e isto porque é preciso atender à consonância da outra fonte da Revelação, a Tradição Divina, e à analogia da fé. Num artigo interessante, publicado há tem-

(1) Cerfaux, loc. cit.; Mons. Charue, «La Sainte Bible (PIROT), vol. XII, p. 451; U. Holzmeister, Coment. in Ep. S. Petri... pg. 249-251.

pos, (1) o P.e J. Levie indica o como é necessário tomar o texto da Escritura com todos os aprofundamentos que a tradição mais tarde lhe emprestou e que, acaso, o Magistério tenha declarado por fórmulas doutrinais; nem doutra sorte se exprime a instrução recente dada pelo Secretário da C. Bíblica ao abordar o assunto. (2)

De facto, sem se «acrescentar» ao sentido literal, que deve ser escrupulosamente respeitado, o certo é que este se pode prolongar à luz da Tradição. até se fixar definitivamente graças aos PP. da Igreja e à especulação teológica.

Atendo-nos por conseguinte à exegese pura e sem a «analogia da fé» (que de resto é uma das regras da interpretação católica...), nós não podemos deixar de ir cair numa certa «minimização» teológica do Dado Revelado.

Aqui, precisamente, torna-se necessário perscrutar qual o aprofundamento que a tradição unânime fez, para além da expresão hebraica do A. T. — do seu contexto helenístico da Bíblia grega, que a amplia — e do último desenvolvimento do N. T..

Ora, exactamente o que se vai a verificar neste ponto em questão, é o seguinte: os Padres ecos da tradição, conservando o *facto* da prerrogativa sacerdotal do Povo Santo, a Igreja de Deus, foram posteriormente em busca do *modo* (ou via) para essa prerrogativa se constituir ou originar, e encontraram-no precisamente no carácter sacramental, marca de Deus, marca de Cristo, na alma. Mais ainda: a mesma tradição, já desde o tempo de S. Justino (como vimos), associou frequentemente o Sacerdócio real de I.ª Petr. ao Sacrifício Eucarístico, dando todo o realce àquelas «hóstias espirituais» e fixando-as no seu sentido definitivo, que é, portanto, litúrgico também.

Citámos S. Justino. É deste Padre da Igreja do 2.º século a afirmação famosa: «Nós somos... a verdadeira gente sacerdotal de Deus, como o próprio Deus atesta ao dizer que a mesma lhe oferece em todo o lugar, entre as Nações, gratos e puros sacrifícios (Mal. 1/11). Ora, de ninguém Deus recebe sacrifícios, a não ser pelos seus sacerdotes» (Diálogo com Trifão, 116).

Refere-se, pois, à notável profecia de Malaquias, que prenuncia o

---

(1) Les limites de la preuve d'Écriture Sainte en Théologie, in «Nouv. Rev. Théologique», 1949, pg. 1.009 e segs.
(2) Instructio...de Scripture recte docenda; A. A. S. 1950, pg. 501.

Sacrifício Eucarístico a todo o mundo, ligando-lhe expressamente o poder sacerdotal do cristão e a capacidade de participar na oblação do mesmo Sacrifício.

Além do texto de S. Leão Magno, já referido, poderíamos ainda tomar uma afirmação bem marcada de S. João Crisóstomo: «A oração eucarística é comum a ambos» (ao sacerdote e ao povo cristão) (Hom. 1X, 9).

Em resumo: nos Padres da Igreja vê-se delimitado o contexto vário em que aparece, nos diferentes livros da Bíblia, o sacerdócio dos fiéis; e, mantendo sempre o dado bíblico no seu sentido literal, é-lhe atribuído um alcance pleno, que é este: «o sacerdócio real da Igreja, Povo Santo de Deus, liga-se à oblação do sacrifício eucarístico».

Tendo aprofundado, insofismàvelmente, a exegese estricta, a Tradição mostra que não esperou os progressos modernos da ciência exegética, para reflectir sobre a Bíblia, com o auxílio do Espírito Santo, que da dita é o Autor...

A Igreja guarda e medita na sua Tradição, as ideias bíblicas; e se o exegeta precisa (e com razão) o conteúdo textual e contextual, ele não pode, de modo algum, cortar-lhe a riqueza do desenvolvimento. (1)

Vejamos entretanto como ao mesmo tempo que fixavam definitivamente o sentido escriturístico os Padres iam encontrando, na zona das realidades sacrais, da *iniciação cristã* (que é uma verdadeira inserção do Cristão em Cristo), o elemento ontológico que dá origem ao sacerdócio em cada fiel e no conjunto de todos a Igreja de Deus:

Cristo Jesus é o Sumo e Eterno Sacerdote. Na sua Igreja todo o sacerdócio é participação do sacerdócio do Verbo Incarnado e Redentor. Na frase de Santo Agostinho, «dizemos que todos os cristãos são sacerdotes, porque são membros do Único Sacerdócio» (De Civitate Dei, XX, 10).

Constituído Mediador, pela União Hipostática, entre Deus e a Humanidade, Jesus estabelece essa mística solidariedade com o género humano, e ao tornar essa solidariedade uma realidade vital no Corpo Místico, o Senhor faz participar (mìsticamente, mas realmente) todos os seus

(1) Deste modo, só podemos aprovar as reflexões que, de passagem, faz o P. Bonsirven (L'Apocalipse; col. 4, «Verbum Salutis», p. 90-91, notas) ao comentar Apoc. 1/6, e referindo-se ao artigo que já citámos, de Cerfaux: se se pode ver, nos textos bíblicos, o sentido da dignidade dos cristãos, da honra conferida pelo Baptismo, das obrigações e do serviço religioso, aos quais os fiéis são chamados — isso não é tudo. «Não se poderá acaso ir mais longe? Não se poderá reconhecer em todo o cristão uma participação no sacerdócio de Cristo, que o Sacerdócio Ministerial viria actuar e teria, ele só, qualidade para exercer plenamente?».

membros da sua prerrogativa de Mediador, Pontífice e Sacerdote entre Deus e a Humanidade. E fá-los participar, precisamente através do *carácter sacramental,* que, sendo marca de Deus, é também marca de Cristo Sacerdote na alma do cristão, dando-lhe assim a participação nesse sacerdócio único de que falava Santo Agostinho... Na expressão incisiva de Boulanger, o carácter «reflecte como em miniatura a maravilha que é a União Hipostática». Pelo carácter o cristão tem, em primeiro lugar, o ser sacerdotal; depois, o poder do sacerdócio, em graus sucessivamente mais elevados, até chegar ao sacerdócio Ministerial ou Hierárquico; em terceiro lugar, o cristão recebe o exercício de tal poder, e exercício no plano litúrgico».

Por sinal, mesmo, que os Padres encontraram um elemento externo, significativo (a seu modo) da acção sobrenatural do Espírito Santo ao ungir inefàvelmente a alma cristã configurando-a com Cristo, na *unção* do baptizado, do confirmado, do ordenado. A crismação foi para o comum dos Padres, o signo ou sinal, litùrgicamente expresso, do carácter sacerdotal que haviam recebido do Espírito Santo para os configurar como o Homem Deus. Orígenes o afirma luminosamente: «todos quantos foram ungidos com o unguento do Sagrado Crisma, tornaram-se sacerdotes. Vós, pois, sois a «gente sacerdotal, e por isso vos aproximais das coisas santas» (Homil. IX, 9). E o nosso patrício, Santo Isidoro, no seu «De Ecclesiasticis» (II, 26): «porque somos a gente real e sacerdotal, depois do Baptismo somos ungidos para recebermos o nome de Cristo». Vê-se como o receber a Unção e receber o Nome, estão para significar o carácter do Sacramento do Baptismo.

É certo que sobre este elemento simbólico, havia mais tarde de fazer-se por parte de alguns, um desenvolvimento teológico nem sempre rigoroso (lembra-nos precisamente o caso do velho teólogo escolástico Alexandre de Halês); mas isso não tira à legitimidade de tomar a unção crismal ou crismação como um signo externo do carácter posteriormente impresso na alma pelo Espírito Santo, a dar participação na Mediação de Cristo. Assim, a unção sacerdotal *de* Cristo *no* Espírito, continua, pelos séculos fora, a realizar-se em cada cristão; daí a eminente dignidade dos cristãos, membros do Corpo Místico de *Cristo Sacerdote,* dignidade que vimos já S. Leão Magno pôr em realce, com o modo grandiloquente que o grande Pontífice usava.

Perguntar-se-á: mas tal dignidade sacerdotal será mais pròpriamente colectiva? — Devemos dizer que a prerrogativa sacerdotal do Povo Cris-

tão começa por ser... pessoal, porque não é o Corpo Místico que é baptizado, é cada pessoa que se baptiza (no dizer sensato do P. Palmer, já citado). Todavia, sendo de sua natureza a função sacerdotal qualquer coisa de público (sempre a Mediação o é), tal prerrogativa e função é para ser exercida não fora do Corpo colectivo nem fora da Comunidade, mas sim *na* Comunidade reunida em Assembleia de Culto.

Concluamos pois: a iniciação de cada fiel no sacerdócio real, sacerdócio de Cristo, pelo carácter (agora pròpriamente do Baptismo e Confirmação), é assim a base ou elemento formal da oblação sacerdotal a realizar depois pela colectividade e por toda a Igreja, consagrada a Deus.

«Pela incorporação activa em Cristo, no santo baptismo, todos nós ficámos formando um Povo Santo, Sacerdotal... O carácter do Baptismo é unção no sacerdócio, e a Igreja de Cristo é um Corpo sacerdotal ... Por isto, toda a Igreja oferece o Sacrifício Eucarístico com o seu Chefe; a oferta é colectiva, do Celebrante e dos fiéis; a oração sacerdotal é colectiva também, de toda a Família cristã; é todo o Povo Santo, ali representado pela Assembleia de culto, que oferece — «offerimus» — ,como é colectiva depois a participação na Vítima Divina pela comunhão... Toda a Igreja é pois sacerdotal, porque unida ao Chefe, e santa, Esposa dilecta que tudo obtém do Esposo Divino...» (1)

*
* *

Mas Cristo Mediador é, a um tempo, Sacerdote e Vítima: («Vítima do seu sacerdócio, e sacerdote da sua oblação», como foi dito com justeza. O «ecce venio» (Hebr. X, 7) tem profundidades vitimais antes do resto. No Senhor ,o sacerdócio anda indissolùvelmente unido ao sacrifício na mesma Pessoa, Sacerdotal e Vitimal. Assim, uma vez incorporado em Cristo Sacerdote e Vítima, o cristão fica configurado duplamente com a Pessoa Sacerdotal e Vitimal do Senhor.

Em Cristo, que ofecereceu oferecendo-se, o poder sacerdotal engloba em primeiro lugar a função do *Mediador,* para realizar o rito sagrado de alcance ascendente-descendente, entre a Terra e o Céu; em segundo lugar, o poder de *Oferente* para preparar a matéria do sacrifício, a vítima. Portanto, também se passará isto no cristão configurado; e eis em con-

(1) Ideias do P. Y. Congar, *Rev. Sciences Religieuses,* 1951, pgs. 187 segs.

clusão a convergência de três realidades em Cristo Jesus: a de Mediador, Oferente, Vítima; convergência que é o remate esplêndido, agora considerado no cristão e na Igreja, dos textos bíblicos tomados na sua plenitude, de «sacerócio real» e «sacrifício espiritual».

Daí a frase incisiva de Santo Agostinho: «naquilo que a Igreja oferece, ela mesma é oferecida» (De Civitate Dei, X, 1, c. 6). Deste modo poderíamos desde já dar um primeiro esboço da terminologia do sacerdócio, em Cristo, na Hierarquia e nos fiéis.

— Há em primeiro lugar o sacerdócio *metafórico* ou espiritual do Povo da Aliança, no A. T.; é da esfera puramente espiritual e sem projecção litúrgica.

Há, porém, depois ,o sacerdócio *real,* ou litúrgico, cultural, o sacerdócio pròpriamente dito que, em contraste com o anterior, que era mais Dever do que Função, é agora na esfera litúrgica, mais uma Função do que um dever (teòricamente).

Este sacerdócio existe, *eminente,* em Cristo, e, (notemos), Cristo glorioso e Chefe do Corpo Místico ,no momento presente. Não importa que o Senhor tivesse realizado por vez primeira o sacrifício eucarístico na Última Ceia, quando ainda não tinha o Corpo Místico unido a si; porém ao presente, em que o Senhor o realiza, tem unido a si o seu Corpo Místico, e este participa do seu Sacerdócio e da sua oblação. (1)

É todo o Corpo Místico que participa do Sacerdócio de Cristo; todavia,, este diferencia-se, como é natural, em graus vários. Assim, temos o sacerdócio litúrgico *estricto,* para o rito eucarístico enquanto sacrifício; é o sacerdócio do Episcopado e do Presbiterado, a que se chama acertadamente sacerdócio ministerial ou hierárquico, e dá-o o Senhor, no Espírito Santo, pelo sacramento da Ordem.

Finalmente, há o sacerdote litúrgico *comum,* para o sacrifício eucarístico, enquanto oblação, apenas, e na dependência do sacerdócio estricto.

---

(1) No artigo citado de «GREGORIANUM», a pg. 553, o P. De Broglie, por verificar que na Última Ceia nem afectivamente os Apóstolos se uniram à oblação de Cristo, conclui que nenhuma associação activa dos fiéis se terá por essencial, indispensável à reprodução do Mistério da *Ceia da Missa.*

Não nos parece bem tal conclusão, pelo que acima vai indicado; se se pode transpor o que se passou no Mistério da Ceia para o que se passa no Mistério da Missa, no que toca a Cristo (o que então fez continua a fazê-lo o Senhor agora), já não se pode transpor, no que toca ao Corpo Místico, que só depois da sua Glorificação o Senhor uniu a Si indissolùvelmente, participando, todo, em qualquer acção sacral de Cristo: Cristo Total.

Dele participam todos os baptizados; e participando para a oblação da Vítima Divina, participam concomitantemente para a oblação de si mesmos... Voltamos assim a pôr em foco esse sacerdócio primordial na Igreja Consagrada a Deus, o sacerdócio espiritual, estendido não apenas aos fiéis mas a todos os baptizados, que devem antes do mais oferecer-se com Cristo; sacrifício espiritual de cada um para que possa ser sacerdócio e sacrifício de todos: clérigos, religiosos e leigos.

Há, por sinal, nos «Ordines Romani» mais antigos, uma pequena nota cheia de sentido: ao Ofertório, não são apenas os fiéis que oferecem a matéria do sacrifício: quem primeiro oferece o pão para o sacrifício eucarístico é o próprio celebrante!

Temos assim de considerar como sacerdócio primordial na Igreja, Povo Santo e Consagrado, Devotado a Deus, o sacerdócio espiritual; talvez por isso mesmo que ele desde há milénios tenha aparecido na Revelação a Moisés, quando, preparado o «Israel da carne» pela Aliança do Sinai, se preparava longìnquamente o «Israel de Deus» (Gal. VI, 16).

Sendo este sacerdócio eminentemente pessoal, dele também Nosso Senhor é o protótipo: e senão vejam-se as expressões tocantes usadas em Hebr. 2/17-18, 3/1-2, 4/14-16. Numa tese desenvolvida pelo P. Long-Hasselmans, e que o P. Congar, após a morte deste, comenta na «Rev. Sciences Religieuses», 1951, a p. 287 é dito:

«Não há na Igreja senão um só sacrifício, feito das inúmeras oblações dos fiéis (e sacerdotes), unidas pela fé viva à oblação de Cristo e expressadas sensìvelmente pelo rito eucarístico. Por isso, a Missa se por um lado é a realização ou apresentação litúrgica das dádivas espirituais do Povo Cristão, por outro nela estas dádivas tendem a fundir-se no sacrifício do Chefe. Uma exigência recíproca faz com que a Eucaristia seja um sacrifício «mental» (espiritual) (Rom. 12/1), e que as ofertas interiores formem uma hóstia destinada ao altar.

Quando os fiéis votam a Deus as suas forças, praticando a castidade, a paciência, o serviço divino, etc., estão elaborando a substância espiritual dos «sacrifícios» que os ministros sagrados apresentam litùrgicamente ao Senhor; e estas ofertas rituais, por sua vez, inserindo-se, recebem a sua valia máxima da Oblação única de Jesus Cristo.

Os fiéis dão-se a Deus, por toda a espécie de orações e de esforços de virtude (que têm assim um aspecto *sacral* iniciado). Os ministros, depois, põem estes actos morais do indivíduo em forma social e sacramental; finalmente, o Pontífice Eterno incorpora-se no Seu próprio sacri-

fício. Todo o agir dos cristãos se acha assim recapitulado em Cristo. A Eucaristia une desta sorte todos os esforços de doação pessoal que os cristãos multiplicam, ao sacrifício perfeito apresentado no Céu pelo *nosso* Pontífice; a Eucaristia leva até Deus, que mais não espera das suas criaturas, a oblação total da humanidade regenerada».

É assim que o Sacrifício Eucarístico significando, na sua realidade oblativa, a homenagem suprema do Cristo (enquanto Agente do culto, não seu Termo) e de todos os seus membros a Ele unidos, tem capacidade de *integrar* em si todos os sacrifícios espirituais... É sacrifício de Jesus, da sua Igreja portanto; sacrifício de Cristo Total, que começando por ser pessoal, é a um tempo colectivo ou integrativo também; numa palavra: «toda a Igreja se oferece com Jesus seu Chefe, e, unida a Jesus — no Sacrifício Eucarístico e através da realidade litúrgica do mesmo».

Tiremos desde já as afirmações ascéticas e pastorais no caso, como o faz Crogaert (1):

Quanto mais santa é a Igreja, tanto mais santa será a sua oblação, e, por conseguinte, mais o rendimento de glorificação divina pela Santa Missa (enquanto oferecida pale Igreja) aumenta, e tanto mais a Missa será rica, não só em frutos de glória para Deus, mas também de salvação para os fiéis.

— A Missa torna-se, assim, um ponto de partida e um ponto de chegada dos cristãos e dos padres; sobre isto pedimos licença para discretamente insistir. Na frase dum moderno (2), é preciso «mettre sa vie dans la Messe et mettre la Messe dans sa vie» — fórmula magnífica, a que, todavia, sem petulância, poderíamos dar um ligeiro retoque, uma vez que a Missa é de todos nós, é a *nossa* Missa; «pôr a nossa vida na nossa Missa, e transpor a nossa Missa para a nossa vida».

Vale bem a pena chamar sem cessar a atenção para este sacerdócio e sacrifício espiritual, que é primàriamente um dever, como vimos, antes mesmo de ser uma função, no Corpo Místico de Cristo, incumbindo a todos os membros da Igreja só pelo facto de serem baptizados — qualquer que seja a sua dignidade ou o seu cargo. Na ordem pastoral, lembremos que é importante pôr o acento na «preparação penitencial», como uma pedagogia da preparação das almas para se oferecerem a Deus — como desde os tempos mais remotos aconselha a Didaquê (cap. XIV, 1): «no

---

(1) Les Rites et les Prières du S. Scrifice de la Messe, ed. de 1939, II, p. 197-199.
(2) Mons. De Bazelaire, in «Lumière et Vie», VII, p. 10.

dia do Senhor, uma vez reunidos, parti o pão e dai graças, depois de terdes «confessado» os vossos pecados, para que o vosso sacrifício seja puro»; S. Cipriano, comentando o mesmo tema, afirma que o Santo Sacrifício só pode ser celebrado em legítima santidade; e a legítima santidade, no pensamento do Santo Bispo, só existe «se a nossa oblação corresponde à sua (de Cristo) Paixão».

*
* *

Uma recta teologia do Laicado tem de ter todos estes elementos em conta. Pelo Baptismo, o cristão está ao serviço do mundo inteiro porque o cristão participa na Mediação de Cristo como Sacerdote — ou antes, para ser inteiramente exacto, participa na Mediação de Cristo no tríplice aspecto de que ela se reveste: como Sacerdote — como Profecta — como Rei. É que, em verdade, o facto de se pertencer ao Corpo Místico de Cristo Mediador confere, mediante o carácter sacerdotal configurativo, uma participação pessoal no tríplice múnus do Verbo Incarnado e Ungido pelo Espírito Santo: Sacerdote, Profeta, Rei; isto com os poderes respeitantes que oSenhor comunica, e que atingem a sua mais alta expressão e eficiência, em acto, no sacramento da Ordem, que é dado à Hierarquia para serviço da Santa Igreja.

Aquelas prerrogativas sacerdotais, proféticas e reais comunicadas a todos os baptizados e confirmados, dependem de resto, no seu exercício, da prerrogativa eminente que Cristo confiou ao Ministério, Magistério e Governo, à Hierarquia sacra: não o esqueçamos.

A tese da participação que Cristo Jesus confere do seu sacerdócio, Profetismo e Realeza, foi acendradamente defendida por um eclesiástico belga que, tendo-se dedicado ao trabalho da Acção Católica, quis coroar o seu esforço apostólico por uma exposição doutrinal de largo fôlego: foi o P. Dabin, S. J., de quem em 1950 se publicou o volume «Le Sacerdoce Royal des Fidèles, dans la Tradition Ancienne et Moderne». Trabalho exaustivo, nele vêm citados mais de 400 autores (não tendo, contudo, referências às Encíclicas «Mystici Corporis» e «Mediator Dei», pela razão simples de Deus ter levado para si o P. Dabin pouco depois de 1941); fora precedido de um outro que o Autor publicara em 1941: «Le Sacerdoce des Fidèles dans les Livres Saints».

Vale a pena, nem que mais não seja para confronto, enumerar as conclusões do P. Dabin, as quais são, em resumo:

1) O sacerdócio dos fiéis, na luz da Escritura e da Tradição eclesiástica, é uma participação, na Nova Aliança, no tríplice múnus de Cristo, Sacerdote, Profeta e Rei. Acertando as ideias, devemos distinguir no último ponto que há a considerar o plano celeste da realeza dos fiéis unidos a Cristo, que é o do Apocalipse 1/, e o plano terrestre, o de Apoc. 20/, o qual existe de facto, mas é mais metafórico do que real (haja em vista as tendências mórbidas da aberração milenarista, mesmo nos nossos dias).

2) Tal participação no tríplice múnus de Jesus, não é apenas colectiva, é individual; fundamentalmente tem carácter passivo, mas, sob certos aspectos é activa e pode projectar-se na Liturgia.

3) Inicia-se com a incorporação baptismal em Cristo, e completa-se, na ordem das energias e faculdades espirituais (lembremos a Acção Católica...), com a Unção confirmatória.

4) É identificada com o carácter sacramental de ambos estes sacramentos, e visualiza-se externamente pelo «sinal» da unção post-baptismal e da unção sacramental da confirmação.

5) Habilita o cristão a realizar certos actos do culto, mormente no Sacrifício Eucarístico.

6) Sendo a mediação de Cristo, enquanto Sacerdote e Profeta, uma Mediação integral, no cristão ,a configuração com o Senhor engloba o dever de servir, como Cristo serviu, oferecendo-se como Vítima e ministrando a Palavra. Dest'arte, tal participação cria, ao lado dos direitos que confere, deveres morais e religiosos, que nós hoje compreendemos e sentimos serem o timbre da Acção Católica.

7) Finalmente, esta participação não obsta aos poderes hierárquicos de Ordem e Jurisdição (incomunicáveis esses na sua forma perfeita), antes deve articular-se com eles.

Estes princípios doutrinais, apontados ao longo do excelente trabalho do P. Dabin, formam como o travejamento de uma sã Teologia do Laicado, que hoje se torna tão necessário pôr em evidência.

C.º A. GREGÓRIO NEVES

Panorama da J. O. C. Portuguesa

— *Oportunas declarações do seu Presidente Geral*

A Festa de Cristo-Rei é, por excelência, o dia da Acção Católica. Nesse dia prestam juramento perante o seu Prelado os dirigentes leigos que, procurando viver cristãmente no plano temporal, recebem da Hierarquia a missão de colaboradores na reconquista para Cristo de uma sociedade que há muito se afastou dEle.

Assim, neste início de novo ano social, lembrámo-nos de dar a conhecer aos nossos leitores um dos organismos da A. C. que maior vitalidade tem demonstrado nos últimos tempos: a J. O. C.. Aliás o problema da classe operária é um dos mais graves que entre nós carecem de solução. O operário terá um lugar de relevo na sociedade de amanhã, embora para isso ele tenha de sofrer e de lutar. A dignidade do trabalhador terá de ser uma conquista.

Procurámos o Presidente Geral da J. O. C. portuguesa, o Carlos Augusto de Almeida, jocista de garra, que num belo dia veio das Caldas da Rainha para dirigir superiormente toda a J. O. C. Portuguesa.

Acedeu imediatamente ao nosso pedido falando com entusiasmo da sua J. O. C..

— A J. O. C. portuguesa nasceu das horas livres dos jocistas.. O movimento é tão devedor aos bravos jocistas de então que, de forma heróica lhe souberam dar corpo e alma, quanto é certo que vêm desse tempo, algumas das mais brilhantes iniciativas em Portugal; a criação do jornal, a iniciativa do Dia de Trabalho, os Cursos Rotativos, etc..

No ano de 1952, por absoluta exigência, a J. O. C. começou a ser

servida, no plano nacional, por um dirigente livre que ficou a desempenhar a função de Propagandista Nacional.

Em 1953 deu-se mais um passo, e também o Presidente Geral ficou a trabalhar quase exclusivamente para os problemas do movimento.

A estes dois vem agora juntar-se um propagandista na diocese de Lisboa, outro em Braga e dois no Porto.

Esta decisão traz a cada jocista encargos e sacrifícios que eles aceitam entusiàsticamente por se tratar do bem do Movimento. Foi posto à prova mais uma vez o amor do jocista ao organismo; aliás a dedicação não tem faltado.

— Não é sem um ar de admiração que pessoas alheias ao Movimento tomam conhecimento destas decisões. Realmente, com o pequeno número de filiados que possuimos actualmente, são quase um milagre algumas dar realidades e certezas da J. O. C.. A descristianização da Juventude Trabalhadora poderá fazer reservas de virtudes. Puro engano, e isso prova-o suficientemente a J. O. C. portuguesa.

Então manifestámos certos receios que serão também os de muita gente: — Não irão os Propagandistas permanentes dispensar, até certo ponto, a voluntariedade dos outros jocistas?

— Nunca. Isso jamais acontecerá porque na J. O. C. há trabalho para todos. O propagandista permanente não existe para substituir o trabalho de quem quer que seja, mas sim realizar o que não era possível sem ele, pelo menos com o rendimento necessário. Será ainda bom esclarecer que eles não são funcionários da J. O. C. nem discutem ou regateiam as horas de trabalho. Não desconhecemos os perigos a que estão sujeitos os propagandistas pagos pelo Movimento. Mas porque conhecemos os desvios inevitáveis, sabemos também os meios de os corrigir: uma formação sólida e assistência espiritual mais íntima.

A J. O. C. NO PLANO INTERNACIONAL E PLANO DIOCESANO

Talvez por influência da união no plano internacional, de toda a classe operária, o certo é que também na J. O. C. se manifesta este universalismo no sentir e viver os problemas dos companheiros de trabalho em todo o mundo.

Mas sabemos ainda como toda a Acção Católica deve trabalhar no plano diocesano, em colaboração íntima com a Hierarquia.

Como conciliar as duas tendências?

Foi o que procurámos esclarecer junto do Carlos Augusto, que, por sinal, esteve recentemente na Holanda e em França a representar os jocistas portugueses. Eis o que nos disse sobre a posição, no plano internacional, da J. .O. C. portuguesa:

— Estamos filiados no Secretariado Internacional da J. O. C., como estão hoje 62 países do mundo representando todos os continentes. Desnecessário se torna dizer que as nossas relações, quer com o Secretariado Internacional, quer com todos os outros países, sejam eles da Europa ou da Ásia, são as melhores.

Na J. O. C. existem países, mas não se conhecem fronteiras! As diferenças de cor, de raça ou de língua, não constituem obstáculo a uma verdadeira solidariedade e fraternidade jocistas, pelo contrário, fortificam a amizade e os laços de fraternidade existentes entre a J. O. C. dos mais diversos países. Foi o que tive oportunidade de verificar na 2.ª Conferência Europeia da J. O. C. (onde estiveram presentes os países livres da Europa e ainda representantes de outros continentes), realizada em Hilversum, de 6 a 12 de Setembro, bem como no Conselho Nacional da J. O. C. francesa, onde também nos fizemos representar.

Será bom esclarecer que as funções do Secretariado Iinternacional em nada prejudicam a autonomia de cada J. O. C. nacional, a sua submissão filial e inteira à hierarquia de cada país, e, no caso português, a integração na Acção Católica.

A ninguém assuste, portanto, a palavra «INTERNACIONAL».

A J. O. C. portuguesa é absolutamente independente e a ninguém mais presta contas senão à Hierarquia, através das direcções superiores da Acção Católica. A J. O. C. Internacional não é mais que uma forma prática de vivermos em espírito católico.

— E como tem colaborado a J. O. C. no conjunto da Acção Católica?

— As nossas campanhas têm sido as da A. C. e sempre temos marcado presença em todas as suas actividades. Através de Cursos e de publicações, temos despertado nos nossos filiados a consciência de que entram para a A. C. e não apenas para a J. O. C.. Há organismos, porém, que pelas suas afinidades, devem fazer convergir toda a sua actividade para uma acção de conjunto. Estão neste caso os organismos operários.

A J. O. C. NO PLANO PAROQUIAL

Procurámos ainda esclarecer como se faz o enquadramento no plano paroquial:

— Até que ponto realiza a J. O. C. a sua missão apostólica na Paróquia?

— A J. O. C. é um serviço da Igreja e da vida dos jovens trabalhadores. Mas a Igreja, concretamente, entra em contacto com a vida através da paróquia. Desta forma se compreende que a J. O. C. está ao serviço da paróquia, chegando onde ela não pode chegar, estando presente em meios que ela não pode atingir. Não é segredo para ninguém que há meios que vivem totalmente à margem e são impenetráveis à sua missão. Aí é que a J. O. C. está presente através dos seus militantes e dos seus jocistas activos.

Cardijn definiu muito bem esta missão. A J. O. C., disse ele, é a paróquia que vai até à frente de batalha, e nós poderíamos acrescentar: até às linhas de fogo, onde se travam as grandes batalhas que perdem e salvam a juventude trabalhadora.

Por isso a organização da J. O. C. é essencialmente paroquial. Por isso o pároco é o assistente nato da secção. Por isso nenhum dirigente pode ser escolhido sem aprovação do pároco. A J. O. C. não divide a paróquia, sòmente recebe dela um campo de trabalho limitado, de que fica responsável perante Cristo.

Apreciámos a clarividência com que se delimitavam posições, mas não podíamos esconder as dificuldades reais que provêm de os meios de trabalho englobarem muitas vezes operários que não são abrangidos pelos limites da paróquia.

— Em tais casos, não deveria ter-se em conta a união natural e espontânea destes grupos de trabalho?

— Evidentemente que temos de organizar o apostolado nesses meios de trabalho. Mas a única finalidade é coordenar a acção dos diversos militantes para que esta se não disperse. Por isso estes núcleos nunca constituem «secções» que têm sempre base paroquial, e as conquistas que lá se vão operando são orientadas para a paróquia, porque é ali que recebem a graça e é ali que entram em contacto com a Igreja.

É certo que existe uma organização acima da paróquia, no plano diocesano e nacional. Compreende-se bem a necessidade de tal organização.

A paróquia não tem meios para formar, de harmonia com as exigências do apostolado moderno, os militantes jocistas. Pode ela, fechada em si mesma, conhecer todos os problemas da classe trabalhadora, e sobretudo orientar uma acção de conjunto?

Não se deve esquecer que a descristianização da classe trabalhadora não é um problema local mas um problema de classe, e que entre todos os meios de trabalho há laços de solidariedade que constituem a unidade da classe trabalhadora.

PENETRAÇÃO NOS MEIOS DE TRABALHO

O fim que nos tínhamos proposto era precisamente dar a conhecer o melhor possível, a situação de um Movimento. Queríamos saber das dificuldades, sacrifícios, e, vamos lá, desilusões. Por isso a conversa derivou para alguns pontos concretos de que depende em certo modo, a vida da J. O. C. nos anos futuros.

O primeiro que se levantou foi o da penetração nos meios de trabalho. De facto, a J. O. C. não foi criada para outro fim...

Respondeu-nos o Presidente Geral:

— Infelizmente, a J. O. C. portuguesa ainda não tem organizada convenientemente tal penetração. Actualmente, o grande meio de que dispomos é o jornal «JUVENTUDE OPERÁRIA» que nos últimos tempos tem atingido uma tiragem bastante consoladora — 17.000 exemplares por mês — embora saibamos que estamos muito longe mesmo das nossas possibilidades.

Além disso, contamos, evidentemente, com a acção pessoal do jocista e do militante no seu meio de trabalho. Esta acção, porém, não tem sido organizada em equipas de trabalho.

As dificuldades têm sido muitas e de peso. A elas não são estranhas a falta de dirigentes livres, de um forte apoio de assistentes, e até certo ponto, a falta de um número suficiente de bons dirigentes e militantes nesses meios de trabalho.

Outro ponto: — Quais as maiores dificuldades da J. O. C. no momento presente?

— Lutamos essencialmente com a falta de um bom escol de militantes e dirigentes aptos a realizar e fazer realizar a missão da J. O. C..

O facto deve-se em certo modo ao modestíssimo nível cultural dos operários portugueses. Os actuais dirigentes e militantes jocistas, podemos dizê-lo, devem a sua formação e educação à J. O. C., que, através das suas reuniões, cursos, retiros e publicações presta um valioso auxílio à elevação cultural dos jovens trabalhadores.

A J. O. C., podemos afirmá-lo sem receio de desmentidos, está de-

sempenhando uma verdadeira tarefa educativa junto dos jovens trabalhadores, de que beneficiam extraordinàriamente a Igreja e a Nação, se bem que isso ainda não seja devidamente reconhecido.

Outra dificuldade com que deparamos é o desinteresse dos jovens trabalhadores pelos seus problemas. Não se nota na massa operária qualquer preocupação séria por questões sociais, económicas, religiosas ou mesmo morais. As suas preocupações limitam-se ao desporto, à mulher e pouco mais.

URGE fazer uma campanha séria de educação entre a juventude em geral e muito particularmente a juventude trabalhadora. É desoladora esta falta de ideal que constitui um perigo para o futuro da sociedade e mesmo da nação.

O que será esta juventude de amanhã se hoje não se preocupar com os seus problemas, necessidades e aspirações? Se não possuir uma educação social e mesmo política ? Quem orientará depois os destinos da Pátria? Quem escolherá a forma das instituições que melhor sirvam a Nação e se adaptem às realidades e tradições nacionais? Será a juventude de hoje? Estará esta a ser preparada nesse sentido? E será suficiente ao bem do país apenas a formação de uma minoria? E será justo?

O PAPEL DO ASSISTENTE

Queríamos terminar por um tema que mais de perto nos diz respeito: a missão do Clero na formação de militantes. E perguntámos:

— Como deverá olhar-se o papel do assistente dentro de uma secção?

— A missão do assistente tem, a meu ver, tanto de importante como de delicado. Não basta amar a J. O. C. com jeitos de paternidade, falar muito dela, reconhecer-lhe a importância na recristianização das massas trabalhadoras. Não basta assistir a reuniões para agradar aos rapazes. Não basta interessar-se por tais problemas por motivos sentimentais.

O assistente precisa de ser um autêntico operário espiritual, isto é, viver, sentir e sofrer todos os problemas operários.

Só assim os poderá compreender e amar efectivamente.

Precisa de ser um bom operário, que lute, que se sacrifique, que renuncie tantas vezes quantas for necessário às horas de descanso, mesmo quando são legítimas, que reze, que chore, que sofra com os jovens trabalhadores as suas máguas e as suas misérias, que exulte com as suas

vitórias e triunfos.

O indispensável papel do assistente, marcou-o Pio XI, é apoiar, formar, estimular e educar os apóstolos leigos. O assistente assemelha-se ao ensaiador que, por detrás do palco, chama a atenção, corrige um gesto ou uma palavra, sugere uma coisa, lembra outra, enfim, tudo prepara e realiza, mas só por detrás do palco, e isto é essencial.

É uma tarefa difícil. Será exigir de mais?

Talvez, mas sem este papel obscuro jamais aparecerão apóstolos leigos. Sem assistentes que amem os jovens trabalhadores com todos os seus defeitos sociais e com todas as suas virtudes, sem assistentes que se dêem generosamente e tenham fé na J. O. C., sem assistentes que nos dêem Cristo, jamais teremos uma J. O. C. autêntica.

— Neste campo, que mais dificuldades se encontram?

— É certo que alguns sacerdotes, ou porque nunca sairam do meio rural, ou porque não conhecem suficientemente os problemas que a vida de trabalho nos põe, não reconhecem à J. O. C. o seu valor educativo e apostólico. Mas também é verdade que muitos se têm dedicado, sacrificada e generosamente, à salvação da juventude trabalhadora.

A maior dificuldade é a falta de tempo com que lutam os sacerdotes que estão à frente de paróquias operárias que são quase sempre muito populosas.

Que eles saibam dar ao menos um pouco do seu tempo e da sua dedicação a esta parte tão abandonada mas tão generosa do seu rebanho. Os jocistas contentam-se com bem pouco: umas provas de interesse, uma presença e uma palavra paternal a dizer-lhes que a Igreja está com eles.

A nossa grande esperança está nos Seminários. Sabemos que aqueles que se preparam para o sacerdócio começam desde já a interessar-se pelos nossos problemas, sabemos afinal que o seminarista ama o que a Igreja ama, e isto basta-nos para termos confiança e esperarmos que amanhã estejam connosco, a ajudar-nos, a fortalecer-nos e a orientar-nos na difícil tarefa que a Igreja nos confiou: «CONQUISTAR PARA CRISTO A JUVENTUDE TRABALHADORA».

A. PAIVA AFONSO

OS NOSSOS POBRES

Moscavide é uma pequena cidade nova apertada em uma cintura de miséria.

E não só em cintura! No seu interior, atrás de fachadas insípidas, iguais às de qualquer outra cidade, multiplicam-se as ilhas, *com casas de pedra ou barracas de lata e madeira em cenário de infra-humanidade.*

Três metros quadrados; frinchas por onde entram liberalmente a chuva e o frio, as moscas e o sol — custam aqui cem escudos mensais. Não escrevo romance; nem falo de cór. Digo o caso real de alguém que visito. Um caso que não é singular.

A miséria dos pobres atrai quase sempre a miséria dos ricos. Exploração na renda de casa, nas vendas a prestações, nas lojas de penhor... tudo é exploração, tudo é crucificar a vida do pobre.

Porque será assim? Porque não hão-de falhar as leis da física, no convívio dos homens? Ausente em que parte, o amor que só tornará o homem feliz?

Moscavide é terra de emigrantes.

Eu não sei de estatísticas, nem me é fácil vir a saber. Quando não, havia de aqui contar quantos deslocados por miragens vivem em redor de nós.

A vida na terra era dura. Sempre lá aparecia algum natural vindo da cidade, com falas e trajos de tentar. Eles sentiam a inferioridade da sua experiência; não conheciam as dores por que o visitante comprara o fato e as falas. Este, temendo diminuir-se, mentia, ou escondia parte da verdade. E ainda que dissesse a verdade toda — se ele vivia, porque não haviam eles de lá viver também?

E um dia infeliz venderam o seu pequeno património e marcharam sobre a cidade.

Eles e eles e eles — um exército de «encantados» marchou sobre a cidade e acampou às suas portas, vencido.

E agora?

Quem quiser ajudá-los tem de começar de nada. Muita vez tem de começar por arrancá-los à animalidade que os avassalou, para os tornar homens e lhes poder chamar irmãos.

Quem pode tanto, senão o amor?

Ainda assim o trabalho é árduo e sempre imperfeito. Se fôsse possível fazê-los voltar?... Mas não. Eles já não conservam nada de suas terras senão a vergonha de lá tornar, com mãos vazias e ilusões perdidas.

Antes, sim. Se uma lei os proibira de partir para a cidade, como proibe quem quer que seja de partir para o estrangeiro aventureiramente, e lá, na terra natal, tivesse juntado à miséria do pobre um pequeno auxílio que o tornasse sofrìvelmente pobre... Agora é preciso refazer tudo.

E há que fazê-lo! Não podemos deixar-nos assustar pela grandeza da obra, que é imensa. Não podemos gastar-nos a lamentar erros que ainda têm remédio.

Urge principiar. Não amanhã, mas hoje.

É difícil principiar! O arranque é o problema de todo o movimento! Depois...

Este é o campo da nossa pacífica batalha de seminaristas vicentinos.

Não temos nada senão um grande amor, um grande desejo de lutar e de vencer.

Não confiamos senão no Senhor de todas as Promessas, as quais são nossas únicas armas.

A Justiça clama. A necessidade do pobre será o meio com que a Caridade fará prodígios, porque essa mesma necessidade não pode deixar de se impor à inteligência e de mover a vontade dos homens que podem. Ai dos homens que podem se o seu coração fôr já insensível!

Eu creio na força da Justiça. Espero da eficácia do Amor. E creio e espero ainda do coração dos homens.

CARLOS GALAMBA

«A mesma autoridade que nos anuncia que sempre haverá pobres entre nós é aquela que nos ordena fazer tudo para que os não haja mais».

FREDERICO OZANAM

O Cardeal Spelman

Quem tiver olhado, os católicos americanos na aurora do século XX e pretenda, com esse exame, catalogar os de hoje, falseia a realidade e comete grave injustiça. Não é que tenhamos, entre os yankees, a cristandade mais florescente do mundo moderno, mas tão sòmente que o Catolicismo norte-americano está a sublimar-se e a tentar os alicerces duma civilização verdadeiramente cristã.

Além da vida de piedade intensa ,que os leva, em massa, ao cumprimento do preceito dominical, à frequência quase diária da comunhão e a muitos exercícios de devoção particular (via-sacra, terço, etc.), os católicos respiram uma atmosfera de verdade e convicção. Há sede de espiritualidade no país capitalista. Mesmo o não católico já concluiu que o prazer, a vida, a saúde e a liberdade, tal como a civilização lhas oferece, i. é. em excesso, não o satisfazem. Aqui está o motivo porque muitos industriais, comerciantes e homens de negócios escolhem a solidão dum claustro para viver o seu «weekend» em meditação das readades verdadeiras da existência. Thomas Merton quando recolheu à trapa de Kentucky, encontrou lá em piedoso retiro, doze estudantes e um psiquiatra de Chicago. Os seminários e conventos abrem as suas portas a milhares de americanos que sentiram a terrível insuficiência da vida na sociedade. E muitos há que, de preferência, se tornam filhos de S. Bruno, porque a sua família constitui «a ordem mais austera que se pode encontrar e a vida na trapa é a que menos se parece com a trilhada pelos homens, nas grandes e pequenas cidades deste mundo». (1)

*
* *

Eis, delineado a breve trecho, o ambiente em que vamos descobrir o grande cardeal americano Francisco José Spellman, membro prestigioso

1) Thomas Merton, The Waters of Siloe. cit. em Études, Dez. 1951.

do Sacro Colégio, personalidade influente das controvérsias políticas e sociais, figura de renome universal.

Em Whitman, onde nasceu a 4 de Maio de 1889, frequentou a instrução primária e o liceu. Laureado pela Universidade de Fordham com os gráus académicos, transitou para o Colégio Americano de Roma (1911) a fim de seguir a carreira eclesiástica. Em 1916 recebeu a ordenação sacerdotal e regressou à pátria como coadjutor da igreja de Todos os Santos, em Boston. Peregrino do Ano Santo em 1925, foi pouco tempo depois, convidado a gerir actividades especiais na Secretaria do Estado do Vaticano. Volvidos sete anos, recebeu as insígnias episcopais, no altar da Cátedra em S. Pedro. Em 1939 foi nomeado Arcebispo de New York e finalmente, no consistório de 1946, elevado à eminente dignidade cardinalícia.

*
* *

Spellman afirmou-se homem de gabinete no desempenho das missões que o então Cardeal Pacelli lhe confiou na Secretaria do Estado do Vaticano. Quando não traduzia os documentos do pontífice reinante para os mais diversos idiomas — inovação de grande alcance, porquanto em épocas muito próximas as encíclicas papais eram distribuídas aos vários países na língua original — ou recebia os visitantes americanos de grande relevo, imiscuia-se, com singular perspicácia, nos trâmites espinhosos da diplomacia. De entre os muitos êxitos que esta aprendizagem lhe mereceu, conta-se o da interferência na delicada questão entre Pio XI e Mussolini. O Duce lançou um ataque organizado à Acção Católica italiana. O Santo Padre veio à liça com uma vigorosa encíclica. Mas como obter a sua publicação, se havia de permeio, a censura fascista? Spellman oferece-se para dirimir peremptòriamente o conflito: toma nas mãos a encíclica, passa à França e três dias depois, graças à gentileza da United Press e Associated Press, a «capital do pensamento» fazia-se eco das réplicas pontifícias.

Estava, pois, definido o «diplomata» que a Santa Sé ambicionava para o cargo de Arcebispo de New York. É nesta qualidade que intervém, com feliz sucesso, na melindrosa negociação internacional entre Pio XII e o Presidente Roosevelt. Envidam-se esforços por colocar no Vaticano um embaixador, mas os protestos levantam-se de muitos lados. Spellman resolve a contenda: alvitra a nomeação de um representante

pessoal do Presidente, sem categoria diplomática, junto da Santa Sé e faz cair a eleição em Myron Taylor.

*
* *

Setembro de 1939. O Arcebispo de New York é feito capelão-mor do exército americano. Tem à sua responsabilidade moral, milhões de cambatentes católicos e dirige as actividades de 5.370 capelães militares. Acorre às frentes de batalha, visitando 24 países e conferenciando com os principais «leaders» da política internacional, Truman, Churchill, Eisenhower, De Gaulle, Franco, De Valera, Chiang-Kai-Xeque, Salazar, etc.. Tem reuniões assíduas com os capelães, inclina-se paternalmente sobre os feridos e fala aos soldados.

O sorriso que os olhos deixam adivinhar e os lábios denunciam é prenúncio da verdade que enche a sua alma e chave para franquear muitos interiores. Quantos militares o procuraram para falar! A todos recebe com simpatia e toma nota dos seus endereços postais. Escreve, então, às famílias para lhes transmitir as mensagens da «frente». Deve--nos surpreender, mas 14.000 foram os lares americanos que, ao longo de quatro anos, receberam cartas do próprio cardeal Spellman.

Continuou ainda o seu apostolado, após a «vitória», junto das tropas americanas de ocupação na Europa e Ásia. Simultâneamente, organiza missões de caridade na Indochina, Nova Zelândia, Austrália e China. E, por último, é nas frentes de batalha da Coreia que o cardeal de New York comemora o nascimento do Menino Jesus.

*
* *

Como pastor de uma vasta diocese, afigura-se-nos audaz obreiro do Evangelho. A sua obra é grande nas estatísticas, mas muito maior no espírito que a norteia. Coadjuvado por 6 bispos e 2.000 padres, sustenta as responsabilidades espirituais de 393 paróquias e dois seminários de 600 jovens; superintende em 10 universidades e colégios com 22.000 estudantes e em 364 escolas com 15.000 alunos; mantém amplos hospitais, asilos e casas de beneficência, associações de propaganda religiosa, de altos estudos sociais, de auxílio económico a desempregados, vítimas da guerra e emigrantes, de instrução para futuros dirigentes sindicais, de patrocínio à questão racial.

Os não católicos orgulham-se de o visitar e encomiam pròdigamente a tolerância que dispensa aos seus credos. Os protestantes matriculam os filhos nas suas escolas. Os políticos procuram a sua opinião para os graves problemas nacionais. Os congressos reclamam a sua presença. E a imprensa refere-se-lhe com assiduidade.

Spellman é também escritor. Preciosa era já, em boa verdade, a vasta colaboração que trazia semeada por muitos periódicos e revistas. Não bostante lançou no mercado alguns livros — *Road to Victory,* 1942; *Action this day,* 1943; *No greater love,* 1945; —, que relatam emocionantes episódios das suas visitas às «frentes». É autor de belas poesias, muitas das quais a revista Collier's de 1944 transcreveu integralmente. Publicou ainda *The Risen Soldier* cujo enredo veio a servir para um filme. E há poucos meses, deu à estampa uma colecção de poemas e orações sob o título de *What America means to me.*

Diante da alta figura eclesiástica, social e literária a quem as eventualidades da existência emprestaram uma auréola de glória raras vezes alcançada, somos forçados a confessr a nossa admiração.

O homem de acção que se nos revela, jogou base-ball e sofreu privações na juventude; quando bispo, escalou os Alpes italianos ao lado do cardeal Pacelli e pilotou aviões; e como arcebispo guiou sistemàticamente o seu Chevrolet» ou tomou uma pá para sepultar os mortos quando os coveiros novaiorquinos entraram em greve. Não é um místico, nem um sábio, nem um herói, na acepção rigorosa dos termos, mas é uma personalidade integral que, a um tempo, fez obra digna destes epítetos.

Trabalha incansàvelmente. Pensa que a Igreja não deve aceitar servilmente as práticas e costumeiras ancestrais; e pugna pela omnímoda adaptação às exigências dos tempos modernos. Toma a peito a integração das classes subdesenvolvidas no grémio da sociedade e compreende, como ninguém, o que nós, europeus, classificamos de excentricidade nos seus católicos.

Lyanty fornece-me o tema que, posto ao serviço da verdade e da caridade evangélicas, traduz fielmente a extraordinária actividade de Spellman, «The soul's joy is in doing», a alegria da alma está na acção.

J. SALVADO RIBEIRO

Livro do mês

«MISSA EST» — DANIEL ROPS

Daniel Rops não se alheia aos problemas do catolicismo contemporâneo. Em «Missa est», obra recentemente vertida para português, vêmo-lo empenhado neste movimento litúrgico, que abriu o seu capítulo primeiro há meio século.

Morrera o sentimento religioso. Pairava a incredulidade nos espíritos. A entroncar no filosofismo fora toda a época do liberalismo e racionalismo, de que estamos sofrendo ainda as consequências. Mas, quem anda em trevas anseia por luz. E a sociedade reagiu. Perante a cristalização da vida cristã tornada puro sentimento em alguns, inicia-se a recristianização.

Na vanguarda desta caminhada para Cristo está o movimento litúrgico. Este orienta-se não tanto no sentido da restauração de formas ou ritos passados, mas para uma compreensão verdadeira do culto, tal como o temos hoje e para lhe dar lugar de relevo na vida de cada homem.

Procura-se dar a conhecer a liturgia para incitar a vivê-la. Dela provem a genuína vida cristã.

Tal o pensar e a intenção de Daniel Rops neste seu livro.

Logo no prefácio, o autor aponta a mútua relação entre a missa e o cristão, membro duma sociedade fraterna a participar duma fonte comum de riqueza espiritual:

—— «Somos colocados em face dos mistérios mais profundos que existem no mundo, frente aos arcanos do sangue que redime, do inocente pagando pelo culpado, da fraqueza que é força e da vida que pode vencer a morte».

Passa em seguida, numa visão sucinta, à evolução do cerimonal fixado para a missa romana. Interessa-lhe sobretudo incutir no cristão amor ao conteúdo ritual que os nossos «maiores» na fé nos legaram.

E entra depois numa análise pormenorizada. A par da explicação histórica congruente, dá-nos o verdadeiro sentido espiritual de cada parte, de todos os gestos e orações. Fala não tanto como teólogo, mas como católico convicto, empenhado e justamente, em transmitir algo a seus irmãos.

Atingiu o valor passado e presente daquele memorial e convida, não a assistir a um espectáculo, antes, ao acto onde estão em causa os valores maiores da vida.

Evidentemente, não se trata dum missal; é livro explicativo, a satisfazer perfeitamente quem, perante o altar e o sacerdote, ignora a razão de ser de quanto se desenrola diante dos seus olhos.

Gràficamente é insuperável. Admiráveis fotografias permitem-nos verificar qual a atitude do celebrante correspondente ao momento explicado. Após cada um destes, segue-se uma oração convidativa.

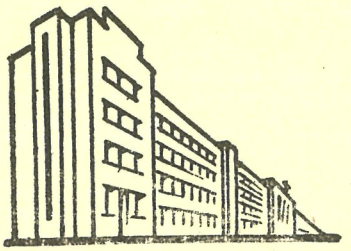
Em apêndice, o autor acrescenta a oração «para cada instante do dia», frizando assim a projecção da missa no dia de cada um:

— «O tempo é obra de Deus: a hora pertence-lhe e é de justiça que se lhe dêem graças por todas e cada uma...

Nestes momentos escolhidos, que oferecer às Três Pessoas? Nada mais do que aquilo que somos, feito de terra, mas reunidos segundo a Promessa, nada mais que a nossa vida mortal, mas dedicada à Glória, o nosso trabalho, o nosso alimento, o nosso repouso mesmo, e este confronto permanente de nós próprios com outrém, tão penoso tantas vezes, em que nos é pedido que vejamos uma comunhão.

B. SANTOS

(1) Liv. Tavares Martins, Porto — 1953.



CRÓNICA

Exames finais

É a hora de prestar contas, em que as inexoráveis interrogações, escritas e orais, desafiam o nosso saber adquirido durante o ano.

Para que os resultados sejam coroados de êxito não podemos descuidar a preparação das provas, trabalho que nos absorve por completo nos últimos dias do ano lectivo.

Além disso as disciplinas que estudamos são tão vastas, que uma recapitulação sempre traz alguma coisa de novo. É assim em Filosofia mas muito mais nas cadeiras teológicas. Quer se trate do Dogma, da Bíblia ou do Direito Canónico nunca esgotaremos, por mais que nos detenhamos no seu estudo e meditação, as riquezas incomparáveis da Revelação nem as da palavra da Igreja, assistida de contínuo pelo Espírito Santo.

Mais operários para a messe !

É difícil descrever o ambiente invulgarmente festivo e triunfal em que decorreram, este ano, as nossas Ordenações.

Que se trata da nossa maior festa, razão e síntese do nosso trabalho ao longo do ano, que não regateamos esforços por prepará-la com consciência, que justamente é rodeada do maior brilho e solenidade, são coisas que decerto ninguém porá em dúvida.

Mas desta vez as cerimónias excederam em grandiosidade tudo o que se tem feito nos anos anteriores, tendo contribuido muito para isso a grande concentração que a «Obra das Vocações e Seminários» decidiu efectuar na mesma altura.

Tudo se revestiu duma imponência incomparável desde o cenário magnífico em que se desenrolaram as cerimónias, — no recinto central do nosso parque sobre um estrado de grandes dimensões — até ao número e porte inesquecíveis das pessoas presentes: 5.000 fiéis do Patriarcado a vibrar de entusiasmo, numa formidável manifestação de apoio ao Sacerdócio e de união inquebrantável ao seu Prelado.

A festa foi preparada por uma noite inteira de vigília. Os primeiros cânticos e louvores foram para a Mãe de Deus e dos Sacerdotes. Uma procissão, fila interminável de luz, símbolo da claridade interior, percorreu as ruas do parque desusadamente iluminadas.

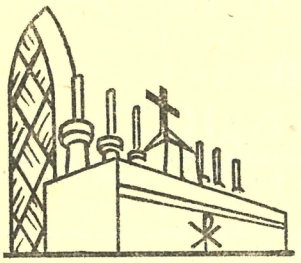
Pelo meio da noite representou-se o original auto do Rev.º P. Ferreira da Silva, «Assim nasceu o altar».

Como era desejo do autor, muito mais do que um espectáculo de grande efeito, a representação foi um acto em que toda a assistência participou activamente, respondendo às frases dos actores com exclamações de triunfo e aplauso à Santidade, ao Sacerdócio e ao Mistério do Sacrifício.

A cena final foi particularmente emocionante: todas as figuras bíblicas relacionadas com a história do Sacrifício, desde Abel a João Baptista, que sucessivamente haviam subido ao estrado, enquadravam agora a cena empunhando archotes. Ao centro, em plano elevado, a figura de Cristo ladeado pelos Apóstolos. Ouviram-se então da sua boca as solenes palavras missionárias: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura...»

O entusiasmo dos aplausos foi indescritível, sinal de que as almas vibraram intensamente e se encontravam bem

preparadas para participar, da maneira mais conveniente, na Missa das Ordenações.



Era a mesma cruz, o mesmo altar, que «Noé» e «Moisés» haviam transportado e construído... Ante eles vimos os novos sacerdotes, em união com o Bispo que lhes impusera as mãos, oferecer o sacrifício supremo de louvor e acção de graças. Em vez do cordeiro e do pequenino Isac, elevou-se aos nossos olhos o Pão do Novo Testamento: Cristo Senhor Nosso.

Perdurará por longo tempo na nossa lembrança esta grande apoteose que, é justo afirmá-lo, se fica devendo à iniciativa e ao espírito dinâmico do Rev.mo P. Mário Correia, director da O. V. S..

Férias

Ao deixarmos o Seminário, a mudança brusca de ambiente se por um lado pode suscitar dificuldades e perigos, por outro é ocasião para ao contacto com o mundo, atearmos a chama do ideal supremo por que nos decidimos.

É fervorosa a nossa reacção perante o terrível mistério deste mundo despedaçado, de que, no dizer dos desesperados, Deus se esqueceu.

Não é só o número de apóstatas e infiéis que nos tortura, a atmosfera de paganismo que paira sobre uma sociedade longe de Cristo, é também a confrangedora mediocridade de muitos cristãos dos nossos dias, sem falar já daqueles que ostentam tal nome por baixo calculismo.

Nas cidades respira-se a indiferença, a frivolidade, avalanche imoral. Nas aldeias e vilas reina um cristianismo dissociado da vida que, por ter «envelhecido», os novos abandonam por completo...

Este o clima actual, o clima das nossas férias, que nos angustia e acabrunha, mas que, também, misteriosamente espevita a nossa generosidade e o nosso espírito de inteira doação ao serviço da Igreja.

Alenta-nos a certeza de que Deus, através de nós, operará maravilhas. Talvez o mundo continui, aparentemente, o mesmo. A transformação será silenciosa, escondida, mas real.

Reuniões de férias

Os nossos encontros de férias decorreram com a alegria e camaradagem costumadas. E também foi com grande prazer que saboreámos as horas de silêncio que eles nos proporcionaram.

Realizaram-se em Almada, Santarém, Fátima e Guarda. Cada uma fez a escolha do local de harmonia com as suas conveniências.

Quem não escolheu, porque em todas decidiu comparecer foi o Sr. Cónego Vice-Reitor que solìcitamente se inteirou do nosso estado de saúde e de espírito. Da mesma maneira nos fizeram oportuna companhia os Rev.mos Directores Espirituais.

Acampamento

Os nossos escuteiros também acham longo em demasia o período de 3 meses de separação e inactividade a que as férias obrigam.

Decidiram, à semelhança dos anos anteriores, organizar um acampamento, tendo sido escolhido para local uma mata verdejante e compacta perto da Póvoa de Tomar.

Aí ergueram as barracas, aí se reuniram à volta da fogueira, que iluminou todas as noites com a sua luz vacilante e pálida 12 fisionomias optimistas...

É dura a vida ao contacto com a natureza, mas favorece admiràvelmente uma atmosfera espiritual intensa, dom precioso e inestimável para quem, como nós, quer viver exclusivamente para os interesses superiores do homem, os de Deus.

A. TAVARES

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação



Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SACOR
EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Telef. 704

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa,
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA
ALA ESQUERDA L.DA
Composição e impressão de
Jornais, Livros e Revistas
Trabalhos Tipográficos em todos os géneros
Telefone. 268 BEJA Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura

ARMEIS & MORENO, LDA.

T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38

TELEF. 28055

LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna — **Machado & Ribeiro, L.da** — **Livraria Católica Portuense**

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 - História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00—Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00—Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 —Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00— Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard 5$00—Manual das Noviças, 16$00

Material Escolar

Peçam catálogos indicando o género de livro

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

A firma:

João Almeida Santos

da Covilhã

especializada em artigos próprios para o Exmº. Clero, lembra a V.ª Rev.ª a conveniencia em consultar os seus preços e qualidades.

ASSINATURAS PAGAS DIRECTAMENTE

P. Domingos José da Costa Araújo
José Manuel de Oliveira
P. José Nunes do Casal
P. António Gonçalves Pedro
P. José da Costa Ferreira
P. Francisco Rodrigues Barrona
P. Crispim António dos Santos
P. José Susano Coelho
P. João Alves
Cónego José Correia de Sá
P. Isaías da Rosa
P. Aleixo Xavier Cordeiro
P. Henrique Policarpo Canas
P. Manuel Rafael Martins da Cunha (1954)
P. João de Sousa (1954)



LEMBRE-SE DE QUE OS SEUS OLHOS SÃO DE UM VALOR INESTIMÁVEL

PORTANTO CONFIE O RECEITUÁRIO ÓPTICO Á

HORÓPTICA, L.DA

R. S. JUSTA, 27 ★ TELEF. 21465

A CASA QUE LHE ASSEGURA UMA CUIDADOSA E PERFEITA EXECUÇÃO

Descontos ao Rev.mo Clero

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — RUA DO OURO, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais - Lâmpadas Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS
CASAS DE BANHO
PARA-RAIOS

AQUECIMENTO CENTRAL
VENTILAÇÃO
ASCENSORES

ELÉCTRICAS
CONTRA INCÊNDIOS
TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

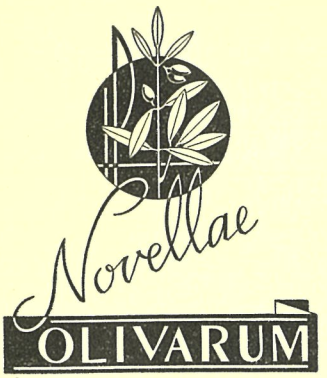
TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL



REVISTA DOS ALUNOS
SEMINÁRIO DE CRISTO-REI
OLIVAIS

Excelentíssimo Senhor

Na sua modéstia, "NOVELLAE OLIVARUM" pretende ser o porta-voz das nossas aspirações, ao mesmo tempo que irá reflectindo a nossa preparação para um espírito verdadeiramente católico e universalista.

Não pretendemos dar lições a quem possui a grande arma da experiência. Procuraremos, no entanto, abrir-nos a tudo o que for cristão e hoje que no mundo se sofre e anseia por dias melhores, nós queremos estar presentes com toda a riqueza da mensagem de Cristo.

Agradecemos desde já toda a atenção que Vossa Excelência se dignar prestar-nos. Caso não interesse a assinatura esperamos que tal nos seja comunicado, ou a Revista devolvida. Doutra forma passaremos a considerá-lo assinante a partir de Janeiro de 1954.

Com toda a consideração e reconhecimento,

A DIRECÇÃO

775-53